

Mensagem 101

Paris, 26 de Julho de 2006.

Sobre a crise na consciência humana.

Palestra pública em Stara Zagora, Bulgária, a 30 de Maio de 2005,
às 18,30h, na sala de conferências do Hotel Vereya.

Os *kriyabans* da Bulgária desejavam que a palestra abaixo indicada fosse colocada no *website*. Como as palestras acontecem sempre espontaneamente no local, sem quaisquer notas pré-concebidas ou preparativos, foi-lhes pedido para enviarem um manuscrito, o mais extenso possível, dos gravadores. Equívocos e erros (devidos ao instrumento de gravação, bem como ao sotaque indiano do orador, e dos ouvintes não muito familiarizados com o tratamento [adequado] da língua inglesa) foram devidamente revistos, antes de apresentar esta palestra, como mensagem 1001.

O orador tem vindo a esta bonita cidade desde 2001, mas o ano passado não o fez, porque, na sua vez, teve de visitar outra cidade. [Foi], na verdade, uma tristeza, o não ter estado com alguns dos mais dedicados *Kriyabans* da Bulgária que é o ‘*Shushumna*’ entre o Este e o Oeste. Esta tarde podemos tratar de um problema humano muito sério, passo a passo.

Por que razão os seres humanos vivem da forma que o fazem? Com toda esta dor, agonia, agressão e antagonismo? Porquê esta eterna pressão de expectativa, ambição, impulsos aquisitivos e acumulativos? Por que razão está a consciência humana dominada por toda a espécie de preconceitos, superstições, histórias e suposições, mitos e tráfico-de-milagres, sistemas de crenças e fanatismo, hábitos estúpidos e inclinações, ideias e idiosincrasias, opiniões e obsessões, pretensões e paradoxos, mesmo perversões e paranóias. Porquê o medo, inerente e dissimulado, subtil ou claramente expresso, controla e domina todas as actividades humanas, que são meras reacções de conceitos e conclusões passados, não acções resultantes de percepções directas e da compreensão? Porque se escrevem volumes, no mercado espiritual, acerca de Deus e do que deveriam fazer os humanos para se aproximarem Dele? Não é a base do medo de todos eles? E, enquanto, alguém permanece preocupado, é-lhe possível encontrar algo de real? Por que razão vamos de encontro a todas as espécies de filosofias – dessas, de Papas, de Bertrand Russell, de Marx, de Mao Tse Tung, do Judaísmo, do Islão, de Jean Paul Sartre, de René Descartes e por aí fora? Pode um verdadeiro amante da vida, que é totalmente livre, ter uma filosofia produzida pela mente e pela sua vaidade e assumidos interesses? Por que razão não estão os seres humanos indisponíveis para um entendimento vivo, mas somente para empreendimentos mentais mortos? Porque razão eles somente obedecem ou desobedecem, mas não compreendem? Por que razão os humanos estão sempre em conflito, a maioria das vezes sem qualquer clareza, em qualquer nível da sua existência – para consigo próprio, na família, na sociedade, na política, na economia, na cultura, no seio das nações, nas relações internacionais? O que são estas “Nações Unidas” que permanecem sem utilidade e um espectador mudo nos conflitos internacionais? Elas nada podem fazer quando uma guerra unilateral é imposta para converter um país numa estação de bombas de gasolina de qualquer outro país poderoso, apesar dos protestos por todo o mundo, sob o pretexto de WMD, visto que tais armas são multiplicadas e armazenadas por algumas nações-valentonas, elas mesmas, sob a mais absoluta imunidade, independentemente da ameaça que constituem para a toda a humanidade e outros seres vivos do nosso planeta. De facto, nação significa divisão. Portanto, “Nações Unidas” deveria significar divisões unidas. Não é uma contradição, nos termos da qual, todas as ‘boas mentes’ do mundo permaneçam totalmente esquecidas, num estado de profunda hipocrisia, embuste e mentira? U.N. tem de significar “Compreender as Não-Nações”, porque a nossa Terra pertence a todos os seres vivos, incluindo as árvores. Não se trata da Terra Americana ou da Terra Árabe,

Terra Inglesa ou Terra Chinesa, Terra Francesa ou Terra Espanhola. Também não se trata de cérebro indiano ou cérebro japonês ou cérebro africano. É de cérebro humano que estamos a falar. É o mesmo em toda a parte. Precisamente como o cérebro de cão, cérebro de gato, cérebro de pombo, cérebro de pardal – o mesmo por toda a parte, apesar da diversidade. A vida é diversidade. Mas o processo separativo que emerge dos registos psicológicos e dos respectivos investimentos gera divisões e fragmentações na consciência humana.

Nós temos um corpo único, até agora não somos indivíduos! De facto, indivíduo significa indivisível – nós somos a humanidade toda. Não é um ideal. Os ideais são coisas brutais – tudo “Eu”, “Eu”, “Eu” – o mais absoluto individualismo, sob a “sagrada veste”. É incontroverso que toda a humanidade é uma, apesar da sua tremenda diversidade. O “Eu” deve existir como um ponto de referência, como um elemento identitário, como um coordenador dos factos técnicos que nos cercam, mas não como um fenómeno de continuidade dos resíduos e sedimentos psicológicos. A mente, que é o vírus da vaidade e dos interesses assumidos, em consequência de todas as espécies de conclusões e estrangulamentos psicológicos, é a inimiga da vida. Tu és vida, tu não és mente. A libertação das experiências da mente é a rejubilante existência da vida. A vida nasce nunca, tampouco morre. Somente um corpo conectado com a vida, nasce e morre e gera uma consciência incorporada. Esta conexão (*Kathopanishad*), é a única alma, não a pretenciosa ilusão do “Eu”, resultante da fragmentação na consciência humana e imaginando-se, a si mesmo, como alma (*atma*), para se dar, a si mesmo, continuidade e permanência. E, nessa ocasião, projecta uma “Alma Suprema” (Deus ou *paramatma*) com a qual esta fragmentação fictícia, “Eu”, se irá fundir, um dia, na sua eterna ilusão e compulsão de se tornar o “mais elevado” possível – deste modo, nunca se apercebendo do ser existencial e da sua felicidade, na compreensão iluminada.

Por que razão os seres humanos vivem em ilusões, ideais artificiais e sistemas de crenças e descrenças? Porquê, durante os últimos cerca de cinco mil anos, nunca houve um simples dia sem guerra e abundantes assassinios & destruições numa e outra parte do planeta? Porquê, os humanos apoiaram sempre reis tiranos, imperadores, líderes e apreciaram alegremente as suas vitórias vulgares e os horrores de matar milhões? Não é possível haver uma transformação fundamental ou uma alteração radical na consciência humana, ressuscitando o homem integral, um homem total, sem qualquer traço de fragmentação? É possível, porque este planeta é abençoado pelo homem integral, com o êxtase do vazio total, como: Buda, Jesus, *Kabir*, *Nanak*, *Kapilacharya*, *Patanjali*, *Vyasa*, *Badrayana*, *Krishna*, *Lahiri Mahasay* e por muitos outros *Avadhutas* que permanecem anónimos & incógnitos. Eles andaram na superfície deste maravilhoso planeta, apesar de todas as actividades destrutivas de padres e políticos monstruosos.

O orador não formula ideias [ou sequer] tenta convencer-te com as suas ideias. Ele transmite somente energia do entendimento, sem a poluição dos empreendimentos mentais. As ideias são organizadas para servirem o ego da hierarquia de uma organização ou para fomentar uma “revolução”, a qual é continuidade meramente modificada do mesmo velho “Eu”, “Eu”, “Eu” dos líderes da “revolução”, os quais estão agora disponíveis para uma nova espécie de matança e exploração! Os *kriyabans*, com a energia do conhecimento, não têm organização, embora se tenham organizado, a eles próprios, para executarem as suas tarefas diárias com excelência e perfeição, sem qualquer interferência da poluição psicológica. Não se comportam como uma máfia sob o pretexto de serem religiosos ou espirituais. A vitalidade e a virtude da veracidade, não a ilusão e a poluição das ideias, fazem de ti um rebelde – uma transformação radical da mente, em vida; do conceito, em compreensão; dos empreendimentos, em entendimento. Tu não és, pois, um “revolucionário” com seu jogo de poder súbito, possessão, posição e proeminência. Como um rebelde, tu és Jesus Cristo ou Buda. Como um “revolucionário”, tu és Alexandre, “o Grande”, *Gengiskhan*, *Hitler*, *Stalin*, *Pol Pot* e tantos outros demónios.

Bem, viajemos juntos para dentro de nós mesmos, muito seriamente. Podemos descobrir e partilhar um profundo conhecimento [*em relação ao*] defeito neurológico, no cérebro humano, que cinde, separa e divide. Esta divisão, esta fragmentação, é a crise na consciência humana. A libertação da divisão é o florescimento da divindade. E este é o ser humano integral, sem a crise da fragmentação. O campo básico dos conteúdos da consciência, composto das memórias técnicas e factuais, as quais nos habilitam a funcionar adequada e apropriadamente, de acordo com as situações práticas do dia a dia. Mas a contaminação psicológica, em relação aos factos, induz inadequação e parcialidade na resposta, devido à formação do “Eu”, com as suas imagens e motivos. Por exemplo, eu tenho de registar na memória a minha casa, os meus fatos, a minha comida, a minha matriz cultural particular, durante a minha educação infantil, factualmente, para que eu não seja um inadaptado, eu não entre na casa errada, não coma a comida desadequada, vista fatos próprios e por aí adiante. Mas o registo psicológico disso cria imagens e condiciona, para gerar comparação, competição e conflito, como também imitação, seguidismo e desejo de tornar-se.

Agora, a consciência baseada no corpo é inteiramente constituída pela rede dos seus conteúdos, com todas as suas divisões, classificações, opostos, cisões e fragmentações. E tal rede gera ainda outra super-fragmentação, chamando-lhe “Eu” e imaginando-o separado e fora da rede! Mas a rede do “Eu” e a rede do campo básico são precisamente a mesma. Não há duas! A separação ainda mantém as duas, multiplicando e fortificando cada uma, criando um sem fim de complexidades, confusão e caos. E perde-se toda a vida na mania e no miasma do “Eu”, nas suas ilusões em conformar-se e tornar-se e nos seus paradoxos de gratificação, engrandecimento e glorificação. Esta é a crise na consciência humana movendo-se às voltas e voltas numa trivial dimensão, produzindo conflitos e sofrendo a todos os níveis das matérias humanas. Não há saída para esta consciência corpórea limitada, despertar para a energia da incorpórea, Inteligência Universal (*Chit-Shakti*), a não ser que a vida no corpo (não mente-intelecto) distinga a ficção chamada “Eu”. Um dos constituintes básicos da consciência corpórea é o medo. É suficiente entender o medo sem tentar manipula-lo ou mudá-lo através do “Eu” (que também é medo), então, o que tu és (medo), sofre uma transformação radical. Assim, libertamo-nos do medo, sem nos ajustarmos meramente a ele. A vida no corpo desperta, então, para a Inteligência (*Chaitanya*), a qual não se trata de uma experiência para ser armazenada na reles memória, como “conhecimento”. A libertação do conhecido e do conhecimento é *Advaita Vedanta*. Em matemática, quem de dois tira um, fica um. Mas na matemática espiritual, quando um (“Eu”) se vai, o outro um (conteúdo básico que apoia o “Eu”) esvanece-se, também. Este vazio é integralidade e santidade – liberdade absoluta e incondicional da vida no corpo, em relação ao estrangulamento da consciência separativa. Só isto pode trazer um fim a todas as crises [*nas*] questões humanas, a todos os níveis, e, deste modo, existir um paraíso sobre este planeta. Tudo isto é a mensagem do *Kriya Yoga* no *Swadhyay*, *Tapas* e *Ishwara Pranidhan*, o qual, por sua vez, é uma miniatura do *Saankhya*, *Yoga* e *Vedanta*.

OBRIGADO MÃE TERRA.